

8 TRANQUÍLIDADE NA FAVELA: EVANGÉLICOS E TRAFICANTES EM AÇÃO.

Ao mesmo tempo que elas (as denominações pentecostais) mitigam o caráter ‘transcendental’ da opção autônoma, responsável e modernamente constitutiva da pessoa e da consciência, pela importância reconhecida e coletivamente ritualizada do fator demoníaco (‘Não é você, é o demônio que está em você’). *Sanchis*

Neste capítulo, analisarei a aproximação de evangélicos e traficantes nas localidades estudadas com o objetivo de refletir sobre os impactos do crescimento pentecostal nas favelas, assim como sobre o que se apresenta em campo como formas possíveis de estar engajado no tráfico de drogas e, ao mesmo tempo, viver e fazer o pentecostalismo hoje. Pretendo, ainda, com vistas ao objetivo maior da tese, discutir, a partir dos meus dados de campo, a força das redes evangélicas (como redes de proteção e solidariedade) e dos laços afetivos, examinando como isso se relaciona com a segurança (ou insegurança) experimentada pelos moradores. Vale ressaltar, desde logo, que tanto em Acari, quanto no Santa Marta, os evangélicos direcionam aos traficantes suas atividades de evangelização, promovendo também cultos domésticos e círculos de orações para a libertação do Mal que acomete estes atores, que, muitas vezes, são familiares (filhos, netos, sobrinhos, irmãos) dos próprios evangélicos. Os traficantes, por sua vez, desde final da década de 90²⁸³, vêm empoderando os evangélicos, apreendendo deles os seus signos, suas escrituras sagradas (gravando-as em muros e *outdoors* na favela), seus cânticos, seu linguajar pentecostal. Analiso, por fim, o redirecionamento de fé, por parte dos traficantes, demonstrando que, se antes ela estava ligada ao universo das religiões de matriz africana, hoje volta-se para uma expressão exclusivista, pentecostal. As fortes e inusitadas aproximações desses atores (traficantes e evangélicos) e de suas redes nas favelas, com destaque para o caso de Acari, compõem, pois, o foco de atenção deste capítulo.

²⁸³ Refiro-me aqui especificamente ao caso de Acari cujos relatos de campo terei mais oportunidades de explorar, embora esta seja uma situação igualmente identificada no Santa Marta em muitos casos, como, por exemplo, o da ação da JOCUM (Jovens com uma missão. Movimento internacional e interdenominacional cristão. WWW.jocum.org.br) e da aproximação que se tornou polêmica entre André Fernandes (antigo morador do Santa Marta, coordenador do Movimento Favelania, fundador da Agência de Notícias de Favelas. Para saber mais ver www.anf.org.br) e Marcinho VP (para saber mais sobre esse importante personagem do tráfico no Santa Marta e no Rio de Janeiro ver BARCELO, 2005; MAFRA, 1998; PERALVA, 2001)

8.1 Os traficantes e a religião na favela

Durante as décadas de 1980 e 1990, os traficantes de Acari e de outras favelas da cidade²⁸⁴ se identificavam (e eram identificados socialmente) com religiões de matriz africana como a umbanda e o candomblé, cujos lugares de culto eram abundantes nessas localidades.

Em “Cidade de Deus”, por exemplo, Lins narra a cena da mãe que entoa sobre o corpo do filho morto preces católicas e pontos de Ogum e, como sugere em diversas passagens do livro, esta era uma expressão de religiosidade muito comum entre os moradores da favela (inclusive os “bandidos”):

Lá nos apês, a mãe acendeu sete velas ao redor do corpo de seu filho, retirou o cordão de ouro com a imagem de São Jorge pendurada, rezou o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo e cantou um ponto de Ogum. ‘Papai, papai Ogum/ salve Ogum dumaitá/ Ele venceu as grandes guerras/ Sarávamos nessa terra/ O cavalheiro de Oxalá/ Salve Ogum Tonam/ Salve Ogum Meche/ Ogum Delocó Quitamoró/ Ogum ê... (LINS, 1997, p. 64).

No Santa Marta, recorda uma moradora entrevistada, a relação dos “bandidos”, no passado, era, majoritariamente com o candomblé:

Eu acho que o bandido não tinha muitas parcerias com as religiões. A religião que eles mais aceitavam e visitavam era o candomblé. Nas igrejas católica e evangélica eles quase não visitavam, não tinha a troca que hoje têm....

Outro morador do Santa Marta entrevistado recorda-se da grande presença social, política e cultural da umbanda e do candomblé na favela. Hoje não existe mais nenhuma casa dessas religiões em atividade no local.

Não, em muito pouco tempo acabaram todos os terreiros de candomblé, de macumba, umbanda. Nos anos 90 desapareceram completamente. O Santa Marta já chegou a ter uns oito centros. O Tio Abraão entrou para a igreja Universal do Reino de Deus, uns se mudaram, outros morreram e não houve uma renovação. E eu acho que é parte dessa pressão, desse momento que a gente vive. Rezadeiras já teve. Atualmente não tem nenhuma. Antigamente ou você tinha as pessoas ligadas ao catolicismo... rezadeiras, faziam ladainhas ou você tinha o pessoal da umbanda”.

²⁸⁴ Como revelam Zaluar, 1985; Lins, 1990 e 1997; Alvito, 2001; entre outros.



Candomblé no Santa Marta – Abril de 1971²⁸⁵

A imprensa, sobretudo os “jornais populares” (na época, meados da década de 1990, principalmente, A Notícia, O Dia, O Povo), colaboravam, em muito, para divulgar e ratificar, no imaginário social, a aliança dos “bandidos” com as entidades das religiões de matriz africana. A associação estabelecida era, como nos lembra Alvito, no mais das vezes, negativa.

Ritual de morte no Andaraí

Filho de advogado é o quanto executado por tráfico em frente à imagem de Zé Pilintra. Ao sair de casa, na manhã de sábado, Augusto Felipe Montarroyos, 25 anos, tinha um encontro marcado com o macabro: ele foi seqüestrado, executado com tiros de fuzis AK 47 e seu corpo ofertado a uma imagem de Zé Pilintra – exu na umbanda ou egum (alma) no candomblé, usado para o bem ou para o mal – por Marcelo Lucas da Silva, o Café, chefe do tráfico de drogas nos morros do Andaraí e Divinéia. Augusto foi a quinta pessoa executada este ano por Café em frente à imagem de Zé Pilintra, numa rua de acesso ao morro da Divinéia. As mortes – ligadas ao tráfico de drogas e associadas à magia negra – estão sendo investigadas pela polícia. (O Dia, 29 – 10 – 1996) (ALVITO, 2001, p. 212)

Decapitado Exu Caveira

Entidade do candomblé perde a cabeça para traficante manter domínio no morro do Dezoito. Numa prova de poder absoluto sobre o movimento no morro do Dezoito, em Água Santa, o bandido Cadeira violou um ‘santuário’ construído pelo rival, Peidão, e cortou a cabeça da imagem de Exu Caveira para mostrar que está se lixando até para o próprio capeta. Mas, sabe-se lá, se por devoção, ele poupou as imagens dos santos gêmeos Cosme e Damião. (A Notícia, 6-4-1997) (Op. Cit., 2001: 213).

²⁸⁵Foto de Reginaldo – Correio da Manhã. WWW.favelatemmemoria.com.br. Acesso em 12 de maio de 2007.

Ladrões dão azar e culpam Zé Pilintra.
Era furada a mensagem de que havia 100 mil na casa do desembargador. Não
acharam o dinheiro nem o desembargador (ALVITO, 2001: 213).

À época, como assistente de pesquisa de Marcos Alvito, fazia o clipping desses “jornais populares” e pude observar a recorrência desta associação. A relação mítica entre entidades e criminosos surgia nos jornais, como vimos numa das matérias acima citadas, expressando o controle sobrenatural que as primeiras exerciam sobre as ações dos criminosos determinando sua sorte. Zé Pilintra, segundo anuncia a reportagem, foi responsabilizado pelo insucesso no empreendimento dos criminosos. Vemos também a decapitação da imagem de uma entidade da umbanda que, por estar associada a um “bandido” do local, foi atacada como forma de mostrar que uma nova liderança com uma nova ordem estava se estabelecendo no local.

A associação mítica de “bandidos” a entidades do candomblé e da umbanda produzia folclores, anos depois lembrados pelos moradores. A alcunha dos traficantes misturava nome de registro e entidades mágicas. Como nos lembra Alvito:

Um dos primeiros chefes do tráfico no Coroadó, no início da década de 1970, chamava-se Toninho Boiadeiro, assim apelidado por sua mania de andar a cavalo. Sua quadrilha era composta de homens ainda hoje lembrado pelos moradores: Zeca Lobisomem; Zé Aruanda; Toninho Índio – ‘muito bravos’, dizem eles. E dizem também que Toninho Boiadeiro nunca era preso porque tinha a capacidade de transformar-se em tronco ou em bode quando a polícia estrava na favela. Os nomes Boiadeiro, Afuranda e Índio sem dúvida evocam figuras e divindades das religiões afro-brasileiras: Aruanda é o ‘lugar onde moram os orixás e as divindades superiores’ (CACCIATORE, 1977:52); Boiadeiro é o nome de um caboclo muito presente na umbanda; e Índio também evoca caboclo (2001: 261).

Os “bandidos” da década de 1980 e início de 1990 expressavam sua religiosidade em tatuagens, no comparecimento a rituais, na construção de altares e através de pinturas nos muros da favela de Acari. Cy de Acari, traficante preso em 1989, como apresentamos no capítulo anterior, tinha duas tatuagens no antebraço fotografadas por jornalistas quando da sua prisão: uma de São Jorge e outra de São Cosme e São Damião. Na batida policial que fizeram em sua casa, ocasião na qual prenderam sua companheira, também acharam símbolos religiosos.

Voltando àquela casa em que quase peguei Cy de Acari – e à história que não terminei de contar – lá estavam pendurados na parede os símbolos prediletos do facínora: encaixilhada num quadro de aço escovado, a imagem de São Jorge, noutra moldura igual o escudo do Flamengo (LARANGEIRA, 2004, 56).

Tunicão, diziam, às segundas-feiras e às sextas-feiras só andava de branco. Tinha uma medalha de São Jorge, outra menor da Escrava Anastácia e foi o primeiro dos traficantes a erigir um Cruzeiro: “O primeiro cruzeiro que foi feito aqui, foi ele que mandou fazer. Não existia nem igreja lá, mas ele cismou: no ponto maior da favela, botou uma cruz bem grande, as pessoas iam pra lá acender vela pras almas” (ALVITO, 2001: 265).



Cruzeiro construído pelos traficantes. Encontravam-se no local dois santuários e um triângulo pintado em verde: símbolo do TC. Foto: Marcos Alvito – 30 de abril de 1996.

Nos trechos do livro de Larangeira (2004) citados no capítulo anterior, vimos que Tunicão identificado a Exu pelos policiais do 9º BPM, que o imaginavam caminhando pela favela com uma capa preta e vermelha esvoaçante. Quando de sua morte, o autor diz que o mesmo teria ido se encontrar com Belzebu. As associações do traficante com o Mal a partir de uma representação de entidades de religiões afro-brasileiras era, então, flagrante nos discursos de autoridades públicas e nas manchetes da mídia.

No episódio que culminou com a morte de Tunicão em 1989, uma grande estratégia tinha sido montada por policiais do batalhão da polícia militar da área com a finalidade de desestabilizar o traficante. A tática implicava “jogar com as armas do inimigo”, isto é, usar os muros para pintar, nas cores associadas ao traficante e a Exu, dizeres ofensivos à honra do mesmo. Dois policiais foram à favela na madrugada e pintaram “TUNI... CÃO, CORNO”. Gravaram pelos quatro cantos da favela essa inscrição que usava o codinome do “bandido” para chamá-lo, como nitidamente se identifica, de cão e de “corno”!

Sim, ele não faltaria ao jogo que tentou em maldade, e eu iria pegá-lo e imaginava como fazê-lo, pois emergia uma idéia mirabolante da sede do intelecto de dois agentes do serviço reservado: os destemidos (sargentos) Wallace e Da Silva. Sugeriram-me o seguinte: entrariam na favela na madrugada do dia marcado e pichariam alguns locais com frases de efeito para irritar o bandido. Que frases? Ora, corria o fuxico de que Tunicão era traído pela mulher. Embora notório fêmeiro e matador, nem assim se livrara do incômodo de ser mais um a cruzar os portais da vida em posição circunflexa... Crendo nisso, elaborei algumas frases, com uma preferencial: “TUNI... CÃO,CORNO”. E por lembrar aquela capa preta e vermelho do exu, decidi que as frases seriam pintadas nessas cores. Preocupava-me, porém, a idéia de autorizar a ação. Era muito arriscada. Até hesitei e quase desisti, mas a dupla de milicianos me garantia ter condições de cumprir com êxito a insólita missão. Que doidos aqueles dois! (...) eles pintaram um boi chifrudo e escreveram no meio: ‘TUNI... CÃO, CORNO’. Não faltou o diz-que-diz que era a casa da infiel esposa do bandido... (LARANGEIRA, 2004,p. 41).

Tunicão e Jorge Luís construíram altares²⁸⁶ com imagens de santos e ao lado dessas imagens havia suas fotos. Eles investiram na pintura de muitas orações e imagens de santos. Havia Nossa Senhora, Cosme e Damião, São Jorge, Escrava Anastácia (também chamada em inscrições na base das pinturas de Rainha Bantu), São Jerônimo e Nossa Senhora do Desterro. As imagens, santuários e pinturas estavam localizados em lugares estratégicos como nas principais vias de acesso à favela, na associação de moradores, no “pedaço” ao qual pertencia o traficante. Enfim, as pinturas deveriam comunicar crenças, gírias, mensagens dos “donos” do território e, assim, expressar a sua força.

No cruzeiro [os policiais] destruíram, também tinha. Tinham duas casinhas lá, inclusive com as fotos de um antigo dono que era o Tunicão e outra, se não me engano, como Jorge Luís. Destruíram, né? Destruíram as casinhas de santos que tinha. Quem gostava muito disso era o falecido Tônico, acho que foi até ele quem fez, o falecido Tunicão. Ele quando ele... depois já o Luis ele... o pessoal do Tunicão ele só... Mudou muito, né? Jorge Luís continuou preservando as coisas que o Tunicão deixou, a questão dos santos, né? Quando o Jorge Luís também saiu Parazão continuou também cultuando (LARANGEIRA, 2004,p. 41).

Nesse período São Jorge/Ogum era, sem dúvida, a imagem religiosa mais perceptível, mais numerosa em altares e muros da favela. Na sede de uma das associações de moradores local, por exemplo, havia uma imagem de São Jorge sobre o seu cavalo, em destaque, no telhado.

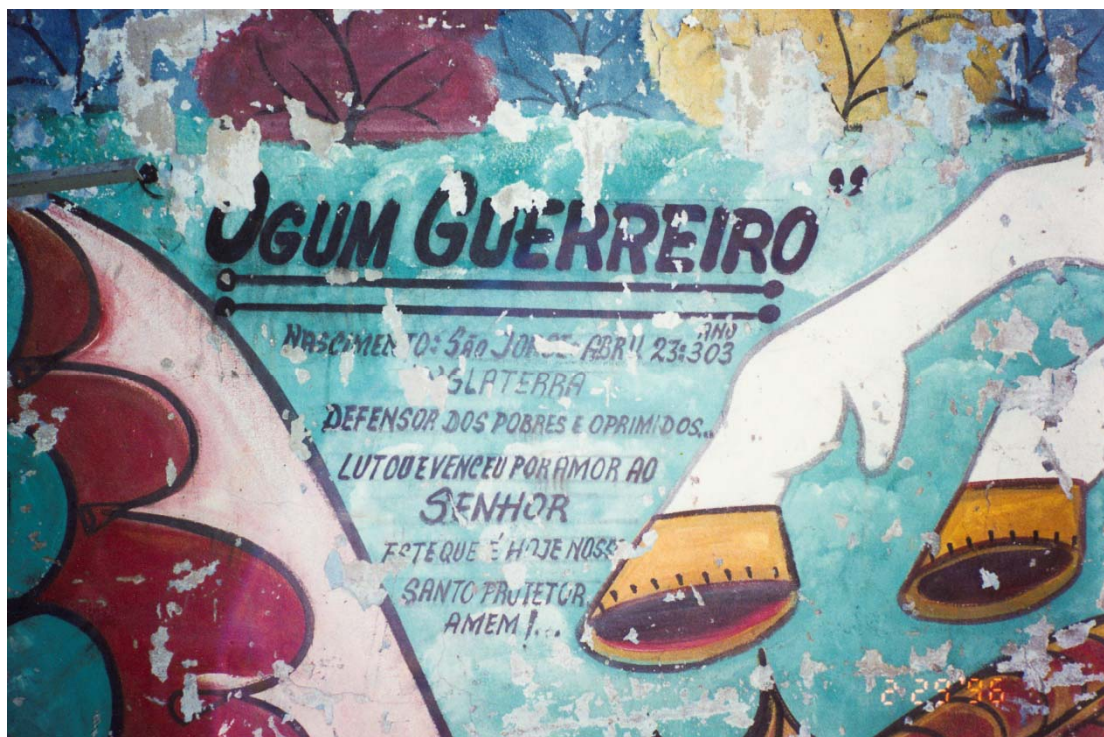
²⁸⁶ Alguns moradores dizem que eles construíram, outros que os altares foram construídos em homenagem a eles; há várias versões do caso. Importante é notar que em todas elas os altares estão diretamente referidos a essas fortes figuras do tráfico local.



São Jorge sobre o telhado da associação de moradores do Parque Acari. 1996. Foto: Marcos Alvito.

São Jorge, que no sincretismo religioso é chamado Ogum, é o santo que tem sua história ou o mito de sua existência ligada à guerra. É o santo símbolo da vitória sobre o Mal, sobre o inimigo feroz, é o santo mais popular – e para o qual a prefeitura do Rio de Janeiro destinou um dia de feriado – numa cidade onde a categoria “luta” define tão profundamente a auto-representação dos moradores sobre a vida que levam nas favelas e periferias urbanas. São Jorge/Ogum teve sua imagem associada aos que estão na “guerra” (seja a favor do crime ou no combate a ele): “bandidos”, traficantes, bicheiros e policiais eram e ainda são costumeiramente vistos portando anéis e medalhas do “santo guerreiro”²⁸⁷.

²⁸⁷ “O traficante Zé Pequeno, o mais conhecido da Cidade de Deus e precursor da guerra entre quadrilhas, usava um colar de São Jorge atravessado no corpo e costumava dizer que tinha o ‘corpo fechado’, e que, portanto, ninguém o mataria” (LINS e DA SILVA, 1990:172).



Pintura de São Jorge no muro interno da Quadra de Areia. 1996. Foto: Marcos Alvito.

Em Acari, podíamos observar, e Alvito registrou em seu livro, muitas orações deste santo nas ruas da favela.

Oração de São Jorge²⁸⁸

Chagas abertas, sagrado coração, todo amor e bondade

²⁸⁸ O santo tão popular no Rio de Janeiro teve parte de sua oração gravada em “Jorge da Capadócia” por Ferananda Abreu e interpretadas por outros dois cantores igualmente muito identificados com a cidade como Caetano Veloso e Jorge Ben. Zeca Pagodinho também gravou uma música na qual enaltece os poderes de Ogum chamada “Pra São Jorge”.

O sangue do meu senhor Jesus Cristo no meu corpo se derrame hoje e sempre
 Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge para que os meus inimigos
 Tendo pés não me alcancem, tendo braços não me peguem, tendo olhos não me encontrem e nem pensamentos eles possam
 ter para me fazerem mal
 Armas de fogo o meu corpo não alcançarão. Facas lanças se quebrarão sem ao meu corpo chegar
 Cordas e correntes se arrebentarão, sem o meu corpo amarrarem
 Jesus Cristo me proteja e me defenda com o poder de sua santa e divina graça
 A Virgem Maria de Nazaré me cubra com o sagrado manto, me protegendo em todas as minhas dores e aflições
 E Deus com sua divina misericórdia e grande poder seja o meu defensor contra as maldades e perseguições dos meus
 inimigos e o glorioso São Jorge, em nome de Deus, em nome de Maria Nazaré e em nome da falange do Divino Espírito
 Santo, Estenda-me o seu escudo e suas poderosas armas
 Defenda-me com sua força e com sua grandeza do poder dos meus inimigos, carnais e espirituais e de todas as suas
 malevolências
 Debaixo das patas do seu sinete, meus inimigos fiquem
 humildes e submisso a vós, sem se atreverem a ter um olhar sequer que possa me prejudicar
 Assim seja com o poder de Deus, Jesus e da Falange do Divino Espírito Santo, Amem

3 Padre Nosso, 3 Ave Maria em Louvor
 A São Jorge e o Anjo da Guarda
 Assim seja” (ALVITO, 2001, p. 26-27).

Na Rua da Olaria, uma das principais vias de acesso da Avenida Brasil ao interior da favela, existia um comércio chamado Sorveteria São Jorge com uma pintura do santo e a seguinte inscrição na fachada: “Olho grande eu furo com...”. Ainda nesta rua, havia uma pintura de São Jerônimo/Xangô com a seguinte legenda: “São Jerônimo, Xangô, da Pedreira e da Olaria” (ALVITO, 2001, p. 40).



São Jerônimo na Rua da Olaria. A inscrição insinua sua “área de proteção” ou o lugar de quem encomendou a pintura: “São Jerônimo – Xangô – Da Pedreira e da Olaria”.
 Foto: Marcos Alvito

Depois de São Jorge, os santos mais presentes em pinturas e altares pela favela eram São Cosme e São Damião. Quando iniciei o trabalho de campo em Acari em 1996, os dias em homenagem a esses santos eram muito comemorados na favela. Havia salva de fogos, festa nos terreiros e, no caso de São Cosme e São Damião, distribuição de doces fomentada, em parte, por moradores, em parte, por traficantes. Os “bandidos responsa” de outrora, que, segundo os moradores, respeitavam as crianças não as aliciando para entrar no crime, expressavam em muros, fachadas e portões da favela orações e mensagens que se referiam a São Cosme e Damião e aos cuidados com os infantes. No Coroadó, por exemplo, encontrava-se uma pintura São Cosme, São Damião e Doum com algumas inscrições que diziam:

Dia 27 de setembro
Parábola Bíblica
O homem ou a mulher
que depravar a inocência de uma criança
terão que serem banidos
da terra São Paulo

Bem aventurados
São Cosme, São Damião e São Doum...
Eles eram médicos dos pobres!

Sejam bem vindos
Voltem sempre!

Abaixo uma pintura de Nossa Senhora de Aparecida
com as inscrições “Salve!... N. S. Aparecida. Dia 12 de outubro (ALVITO, 2001, p. 42)

À época víamos também muitas pinturas com apelo étnico/religioso no interior da favela. Numa delas era possível observar um altar com a imagem da Escrava Anastácia. Aos seus pés, uma foto de Tunicão.



Santuário com imagem da Escrava Anastácia e com uma fotografia, ao lado, de Tunicão. Foto: Marcos Alvito – 1996.

Ao lado da imagem, era possível ler a inscrição:

Reza

Princesa que se fez deusa, que fizeram escrava
Escrava que era princesa, dai-nos a beleza do teu
Corpo e a serenidade de tua alma. Amém.

Escrava que fizeram deusa que nasceu princesa
Que nasceu livre, dai-nos a melancolia do teu
Olhar e a altivez do teu forte e livrai-nos da mordança que ainda hoje nos ameaça, amém.

Deusa-mártir, escrava-deusa, princesa-lenda,
Dai-nos teu amor e tua coragem, amém.

Deusa do povo, escrava de um povo, princesa
Do teu povo, dai-nos a fé do povo, a força
Do povo, o amor do povo, para que possamos
Ser mulheres e homens dignos do povo, amém.

Mulher escrava, deusa-mulher-princesa
Dai-nos tua força, para lutarmos e nunca sermos escravos.
Porque somos tão rebeldes como tu.
Assim seja, amém. (ALVITO, 2001, p. 42)

A escolha dos santos, imagens e mensagens nos muros, portões, comércios e nas principais vias de acesso à favela não era aleatória: nem os santos/entidades, nem os lugares onde eram colocados, como já sugeri em momento anterior do texto e que mais à frente retomarei como ponto de reflexão. As imagens mais prestigiadas eram aquelas que remetem à proteção (refletem a necessidade de proteção e a expectativa de alcançá-la) – São Jorge – e à cura – São Cosme e São Damião (na Umbanda são chamados Ibejis). Estes últimos são patronos dos cirurgiões, pois, contam os mitos sobre a vida e morte dos santos, eram médicos que atendiam gratuitamente em países do, então chamado, oriente próximo. Após a morte, os santos se materializariam para ajudar crianças vítimas de violências e por isso são referidos, nas religiões de matriz afro-brasileira, às crianças. A Escrava Anastácia, Rainha Bantu, era uma importante referência étnica de resistência, de “rebeldia” (sua mordada resultou de um castigo do senhor que a assediava sem sucesso), como mostra a oração. A partir da década de 1980, a Escrava Anastácia começou a ser uma referência para o movimento negro que vinha resgatando seus mártires na história do Brasil como símbolos, referências de “luta” para a organização popular (SOUZA, 2007) As lendas e mitos em torno de sua figura também associam a escrava com beleza, força e justiça²⁸⁹. Há uma Igreja Católica da Escrava Anastácia e São Cosme e Damião na qual a representação de sua imagem é, diferente da expressão de revolta e dor que inicialmente lhe foi atribuída: uma imagem leve, santificada, que remetia a sua martirização e à superação do sofrimento pela esperança²⁹⁰.

8.2 A ocupação policial, a destruição dos santos e o avanço evangélico nas favelas

Como mencionei anteriormente, ao iniciar meu primeiro trabalho de campo em Acari, em 1996, a favela estava ocupada pela polícia militar, mais precisamente pelos policiais do 9º Batalhão, unidade responsável pelo policiamento na área. A operação idealizada pela Secretaria de Segurança iniciou-se com a ação de policiais civis. Teriam sido estes os primeiros a destruírem vários signos (religiosos) da presença e dominância dos traficantes em Acari. Foram eles que, segundo recordam muitos moradores, derrubaram o cruzeiro que foi

²⁸⁹ “Reza a lenda que Anastácia era defensora dos cativos e que, embora impossibilitada de falar, se comunicava com seus pares pelo olhar. Diz-se também que era filha de Oxum, divindade do panteão afro-brasileiro associada à beleza, fertilidade, riqueza e à vidência, sendo, por isso, uma das padroeiras dos jogos de búzios. Os ‘filhos de fé’ de Oxum (pessoas que lhe são dedicadas) são guerreiros e determinados” (SOUZA, 2007:16).

²⁹⁰ Ver Souza, 2007.

construído por Tunicão e que, com recursos dos traficantes do local, era mantido acesso por todas as noites.

Foram os policiais, foram a polícia civil. Eles chegaram lá, pô, aqueles retratos do Jorge Luís e do Tunicão junto com Escrava Anastácia lá no Cruzeiro. Não tinham nem a intenção de fazer um totem. É que o Jorge Luís tinha um lance muito forte com a comunidade. Se fosse o retrato de outro não ficava lá uma semana. Aí botaram o retrato lá. É aquele negócio, quem santificou o Jorge Luís foi a mídia, ninguém nem sabia que tava aquela porra lá, nem sabia, não ia cultuar. A princípio estava ali embaixo, onde tem a boca ali, aí tiraram e botaram lá em cima.

Este morador e diversos outros com os quais conversei falaram da destruição de símbolos religiosos de matriz africana ligados aos traficantes pelos policiais. Conhecedores da dinâmica de ocupação espacial do tráfico nas favelas, os policiais não ignoram a relevância que muros, portões, *outdoors* têm como instrumentos privilegiados para a comunicação de mensagens, para demarcar posicionamentos, organizar as atividades rotineiras da localidade (como a coleta de lixo, etc), para homenagear os “manos” que morreram e para sugerir (ou impor) a partilha de crenças, valores, linguagens entre moradores e os “donos da rua”²⁹¹.

Para marcar simbolicamente quem era o novo “dono da rua”²⁹², para anunciar a nova ordem local, os policiais não só foram os primeiros e principais responsáveis pela destruição das pinturas e altares de santos/entidades na favela, como também usaram os mesmos veículos de comunicação do tráfico, os muros da favela, para comunicar a nova ordem. Assim, marcavam seu lugar simbólica e objetivamente em Acari.

O 9º Batalhão da Polícia Militar, após a ocupação de Acari e Vigário Geral, também demarcou o território. Em Acari, encontramos as iniciais ‘PM’ exatamente na esquina de uma rua que dava acesso a uma das bocas de fumo mais importantes (...) No mesmo local onde funcionava a boca, inscreveram: ‘fim do tráfico, ‘paz’ para a comunidade’. Posteriormente, na mesma favela, os policiais militares pintaram: ‘9º BPM (ALVITO, 2001, p. 93).

Mas, os policiais civis deixaram também, em Acari, suas marcas através de expressões religiosas, no caso, cristãs.

Quando da morte de Jorge Luís, foram erguidos dois altares onde se colocaram dois pôsteres em molduras de madeira: num deles, a foto de Tunicão que já conhecemos

²⁹¹ Para saber mais sobre a importância do espaço público de muros, fachadas e praças na comunicação de desejos e clamores, ver Farias (2006).

²⁹² O Estado, através de seus representantes (policiais civis e militares), visava a ocupar/“dominar” os espaços antes dominados pelos traficantes e assim o fez: as “Boca de fumo” (como se sabe, é o nome dado ao lugar onde o tráfico promove, preferencialmente, a venda de drogas. Lins e Silva (1990) apresenta uma interessante versão para a adoção desse nome “boca de fumo” pelos traficantes de drogas nas favelas da cidade) passaram a ser lugar de guarda militar; as pensões que ofereciam comida para os traficantes locais foram transformadas, algumas delas, em lanchonetes que atendiam, entre outros, os policiais lotados no local.

do altar da Escrava Anastácia; noutro, a do chefe recém-falecido. Com a ocupação, a Polícia Civil substituiu os dois quadros por pequenas estatuetas de Jesus Cristo (ALVITO, 2001, p. 42).

Destruir imagens de entidades ligadas às religiões de matriz africana e em seus lugares colocar imagens de Jesus Cristo não é qualquer coisa! É expressivo da ação e da linguagem violenta que as polícias, melhor ainda, o Estado implementa na direção de determinadas religiões e determinados grupos sociais, especificamente, as religiões de matriz africana e os habitantes dos variados “territórios da pobreza”, com destaque aqui para as favelas. Maggie (1992, p.21) sublinha quanto a magia “se esconde do coletivo e do público, reservando-se a espaços mais individuais e privados. Crentes da magia e da religião podem compartilhar os mesmos deuses, mas os cultuam em domínios diferentes”. No entanto, continua a autora, a magia “transborda os limites espaciais da casa onde se realizam os rituais e insiste em aparecer em locais públicos de forma misteriosa, às escondidas – nos despachos, oferendas, ebós, feitiço” (MAGGIE,1992, p.21). E era isso o que se passava em Acari, a magia, a crença dos traficantes transbordava os limites das casas e terreiros para ocupar as ruas das quais se sentiam (como hoje ainda se sentem) donos.

Para Maggie (1992 - 1975) a magia das religiões afro-brasileiras estava associada à produção de malefícios. Esta crença seria a responsável por grande parte da procura pelos centros, terreiros, curandeiros, benzedeiros, mas também norteou a oposição a ela parte de juízes, promotores, advogados e policiais. De 1890 (quando foram criados mecanismos legais de combate aos feiticeiros no Código Penal) a 1945, um sem número de processos foram instaurados e buscas policiais realizadas. Bustas essas que resultaram na formação de um acervo chamado Coleção de Magia Negra do Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro²⁹³. No entanto, a perseguição aos representantes das religiões afro-

²⁹³ “Criado em 1912, junto com a Escola de Polícia, com a finalidade de auxiliar nas aulas práticas para a formação de policiais, o Museu da Polícia Civil fora incluído no projeto de reformulação geral da instituição policial do início do século vinte. Com o tempo, o Museu coletou vasto material relacionado à atuação da polícia em diversas áreas como a Polícia Técnica, Medicina Legal, Polícia Política e polícia ostensiva uniformizada. No acervo destacam-se objetos interessantes apreendidos pela polícia entre 1939 e 1945, no Estado Novo, como calçados infantis com desenho da cruz suástica, bandeira e flâmulas nazistas, material de propaganda do Partido Comunista e do Movimento Integralista e o mobiliário original do gabinete do Chefe de Polícia, datado de 1910. Existe, também, uma coleção de armas de diversas épocas e objetos relativos a falsificações e toxicologia, além de peças que contam a História da Polícia Civil do Rio de Janeiro, intimamente ligada à História do Brasil, e da sua atuação durante uma existência bicentenária. Pertence ao Museu da Polícia Civil uma importantíssima coleção constituída por objetos de cultos afro-brasileiros, recolhidos pela polícia no início do século XX, por força da legislação vigente na época e especialmente do art. 157 da lei penal que reprimia "o espiritismo, a magia e seus sortilégios,...". Reconhecido o valor etnográfico desse patrimônio, foi transferido para o museu e preservado até 1938, quando o Delegado Silvio Terra requereu ao IPHAN o seu tombamento definitivo. Essa coleção, em ótimo estado de conservação, permaneceu exposta no Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro até 1999, quando da mudança da sede para o prédio histórico da Rua da Relação, 40, onde, no momento, se prepara nova exposição permanente com museografia compatível com o acervo. O Museu da Polícia Civil tem como objetivo o resgate da memória da instituição policial, através da aquisição, preservação, pesquisa, exposição e difusão de evidência de sua história. Como instituição pública, o Museu se

brasileiras não era indiscriminada. Maggie sustenta, assim como Dantas (1983 *apud* MAGGIE, 1992), que a repressão aos centros era uma perseguição à religiosidade negra e pobre e aos criminosos de outros tipos legais, pois “enquanto alguns terreiros eram violentamente reprimidos, outros eram protegidos por intelectuais da elite local. Esses últimos – geralmente os nagôs puros – foram isentos da acusação de impuros e mágicos e alçados ao status de religião, fora do alcance da polícia” (1992, p. 24). Sustento que esta linha de atuação contra a religiosidade negra e pobre associada aos traficantes foi também desenvolvida pela polícia, nos anos 90, em Acari. A destruição de santuários/altares e de pinturas de santos/entidades na favela tinha o claro objetivo de atacar a ordem que até então imperava nos seus limites, demonstrando pela utilização dos mesmos recursos antes usados pelos traficantes, quem dominava, a partir de então, aquele lugar: o Estado/a polícia/Jesus.

Parte do “plano” do Estado com a ocupação policial, retirar os bandidos (e Exu e as demais entidades afro) e colocar os policiais (e Jesus) na favela, deu certo. Digo “parte” porque os bandidos voltaram, a polícia se foi, mas Jesus ficou! O trocadilho sugere que na batalha simbólica estabelecida por policiais no Complexo de Acari, o Mal a ser combatido era materializado no bandido e representado nas entidades das religiões afro-brasileiras, o Bem era representado pelos policiais que estabeleceriam ali uma nova ordem apresentada através de símbolos corporativos (as pichações de PM e 9º BPM) e religiosos (Jesus). Certamente não estou afirmando que a atuação dos policiais tenha sido responsável pelo crescimento evangélico na favela. Apenas aponto uma disputa simbólica que ali se fazia, naquele momento e que pode sim ter este corolário. De qualquer forma, vale observar que esses episódios de disputa, em Acari, foram importantes para que, anos depois da ocupação policial, fosse possível observar um sem número de remissões a Jesus. O Estado, na figura dos policiais que concretizavam as estratégias políticas e de segurança idealizadas pela secretaria de Estado, opunha símbolos religiosos como parte da pacificação do território e legitimava, com isso, uma vertente religiosa na localidade. Mais tarde, como veremos, quem o faria seriam os próprios traficantes que de “macumbeiros” passariam a “evangélicos”.

8.3 Com a palavra os evangélicos: percepções sobre a Ocupação Policial e “tranqüilidade” na favela

Os evangélicos por mim entrevistados em 1997, em 2000/2001 e entre 2006/2009 falavam da “paz”, da “tranqüilidade” na favela. Por “paz” e “tranqüilidade” tinham como referência à oposição ao período de “guerras” entre comandos rivais do tráfico de drogas e de “invasões” da polícia na favela. A ocupação policial, como defendi na dissertação de mestrado²⁹⁴, foi acompanhada de uma “ocupação evangélica” que se fazia presente, visível através da ocupação dos espaços públicos por faixas e cartazes, pela proliferação de igrejas, pelas músicas e pontos de oração que faziam valer sua voz a qualquer hora do dia na favela e da abertura de um sem número de comércios de produtos gospel e/ou com nomes que referiam a passagens bíblicas sugerindo o pertencimento religioso de seus donos. Na época, fiz uma pesquisa exaustiva na qual entrevistei e conversei com donos de vários comércios na localidade e a impressão inicial quanto à crença religiosa do dono dos estabelecimentos se confirmou. Concomitante a isso, o terreiro de Dona Isabel, mãe de santo até então prestigiada no local, deixou de ter atividades abertas ao público, deixou de fazer as suas até então esperadas comemorações do dia de São Jorge, Preto Velho, Cosme e Damião e tantas outras.

Os evangélicos entrevistados atribuíam a “paz” que diziam experimentar no presente à evangelização que faziam, às inúmeras correntes de oração que eram por eles organizadas e conduzidas. Uma entrevistada, inclusive, atribui ao crescimento dos evangélicos o sumiço das pinturas da Escrava Anastácia e dos Altares de santos/entidades que havia pelas ruas e becos da favela.

Entrevistada 1: Há uns seis anos atrás isso aqui virou um sossego não total. Porque para você ver, chegou esse menino aí... não vou falar isso aqui não (ela se referia a um traficante jovem que queria subir na laje dela para ver a briga entre traficantes que se passava numa favela próxima. Ela diz que não quer parecer que coaduna com eles, então deixa eles ficarem lá em cima “fazendo o serviço deles”, mas não permite que passem pela casa dela porque acha que se fizer isso em pouco tempo estará com traficantes pedindo para ela guardar armas, drogas e dinheiro). Depois eu falo sem estar gravado. Então, aqui na minha esquina era um lugar de terror. De terror mesmo. Hoje, um dia de paz, de tranqüilidade. Você estaria aqui... o tempo que você tá aqui a gente já tinha ido para o chão umas quatro ou cinco vezes. Quatro ou cinco vezes se deitando e se deitasse não tinha coragem de levantar. A gente não sabia... ou então já tava lá dentro do quarto todo mundo. Então eu tenho certeza, isso aqui não é dúvida não, eu tenho certeza que uma grande obra Deus fez aqui através daqueles servos. Aqueles que implorou, que suplicou, que rogou a Deus para que fizesse uma transformação. Talvez até pessoas que já teve seus entes queridos perdidos, pessoas até que já se foram, mas que Deus ouviu o clamor. Até pessoas mesmo que eram envolvidas e que depois Deus fez uma obra na vida dele e ele através de uma transformação ele sabendo que isso não era vida que se levava e implorou: ‘Senhor, assim como tu me tirou daquela vida eu quero que tu faça uma transformação’. E de

²⁹⁴ Ver Vital da Cunha, 2002.

repente o Senhor mostrou o poder dele para ele. Eu não sei se Deus ajuda dessa maneira que eu tô dando uns exemplos, entendeu? Mas eu creio, com certeza, que Deus fez uma grande obra. Que Deus ouviu o clamor de alguém e de repente pode até Ter sido o meu, mas que foi de alguém, ele ouviu. Porque grande transformação teve aqui nessa comunidade.

Podemos observar, nesse relato, como disse inicialmente, uma crença de que a “paz” em Acari era atrelada à presença evangélica na favela. No relato seguinte, a amiga que estava na casa da primeira entrevistada, ratifica sua percepção.

Entrevistada 2: Vou só acrescentar ao que ela falou. Também acho a mesma coisa. Que a palavra de Deus fala “orai uns pelos outros”. Então é isso que a igreja faz, quando nós cultuamos a Deus nós estamos orando pelas pessoas... pelos traficantes, pelos viciado, então, nós incluímos isso porque dentro da igreja tem muitas pessoas que precisam de um milagre até mesmo para crer que Jesus existe. Então, através de muita busca e oração eles vêm, porque, às vezes, a pessoa larga de beber, de cheirar, o marido é convertido, aí o que acontece? A pessoa começa a se apegar mais a Deus. Coisa que no mundo eles não conseguiram. Apesar que tem muitas pessoas que saíram do vício, do alcoolismo, sem tá na presença de Deus. Mas só que tem que a maioria das igrejas... nós sabemos que a igreja é uma porta aberta, vem de tudo. E ali... Jesus fala: ‘muitos são os chamados e poucos os escolhidos’. Então ali tem de tudo. A pessoa sempre orando... realmente, isso aqui era uma benção, para não dizer ao contrário. Era uma benção mesmo isso aqui. Então cada esquina dessa aí nem se falava... cada esquina tinha uma imagem. E hoje tem? As imagens foram tiradas. Hoje em dia tem? Tem, mas não é aquela coisa que afrontava a nós, moradores aqui que, por exemplo, saia da minha casa tinha uma boca, tá entendendo? Então não é que não tem. Ter tem, mas agora tá mais devagar. Nós agradecemos a Deus por isso. Tá mais abafado. E a gente vai dando glória a Deus.

Na seqüência, a entrevistada 1 retoma a palavra para acrescentar informações que para ela demonstram o poder dos grupos de oração (e das orações individuais) que se disseminaram na favela surtindo, então, o efeito reparador da “tranqüilidade”. Mais ainda, o poder da presença evangélica fez com que as “casinhas de santos”, como freqüentemente se referiam aos santuários, sumissem!

Mas essa mudança você disse que acha que tem 6 anos...

Entrevistada 1: Tem 6 anos. Porque foi desde, depois da última guerra. E eu não esqueço essa última guerra de jeito nenhum. E a Igreja... pelo que eu soube, fazia muitos anos que... olha, eu já morava aqui (...) durante uns 10 anos que eu morei aqui, falavam que naquela época havia muita guerra aqui, então foi uma época que eu não peguei. Depois passou 10 anos de tranqüilidade. Então foi quando quis voltar de novo as guerras. E quando quis voltar as guerras já tinha muitas pessoas evangélicas aqui dentro. Aonde cada casa foi trabalhada, em cada esquina tinha um evangélico, por incrível que pareça. Olha, tinha uma casinha aqui na minha casa, outra casinha ali, uma casinha ali de imagem de (Escrava Anastácia)... eu sei dizer que, por coincidência, em cada casa de um evangélico tinha uma imagem na porta. Então foi aonde os evangélicos começaram a orar. E os que não eram da residência ajudavam. Toda as pessoas evangélicas que chagavam aqui no meu quarto falava: ‘Irmã, como é que tu pode aceitar uma coisa dessa?’. Eu falava: ‘Ô irmão, vou fazer o quê? A palavra de Deus fala para a gente não tentar o Senhor. Eu vou ficar mexendo no diabo com varinha curta? Não tá me incomodando, deixa aí’. ‘A irmã, mas tem que orar! Vou orar com você’. Aí chega outro irmão e diz: Vou orar com

você'. Quer dizer, se um irmão vinha aqui e orava por mim os outros irmãos deviam ser a mesma coisa. Então foi aonde houve uma corrente de oração. Independente. Eu tô falando uma corrente, mas não foi uma corrente especificada, entendeu? Foi uma corrente individual. Cada uma ficou orando, orando, orando onde Deus operou.

Outra moradora fala sobre as orações como variável importante para a conquista da “paz” e da dinâmica das igrejas que promovem círculos de oração. A série de conversões é o corolário das evangelizações e das orações (individuais ou em círculos de oração) realizadas por fiéis das mais variadas denominações pentecostais em Acari. Esse quadro, sugerem os evangélicos entrevistados, foi muito importante para o alcance da “tranqüilidade” na favela.

Colaborou porque tem muito povo evangélico aqui dentro. (Como?) colabora em oração se de repente a gente sente um algo, parece que vai acontecer algo a gente reúne as igrejas, a gente pede, vai pedindo oração, os pastores se reúnem com outro aí faz aquela caravana e todo mundo ora e tem sempre um dia que é tirado, o dia do círculo de oração, uma hora que... cada igreja tem um dia. Então as irmãs estão ali orando, jejuando por esse lugar, pedindo a Deus para sempre guardar, pra proteger nossos filhos, até mesmo aqueles que não são cristãos porque todos nós somos filhos de Deus. Então não é só orar para aqueles que são crente, mas orar por aquele mesmo que não conhece a palavra de Deus. Então a gente tem visto isso acontecer. Até mesmo muitas pessoas, viciados em droga, muitos têm aceitado Jesus através disso, né? da gente pregar o evangelho aqui dentro. Ficou até mais fácil para pregar o evangelho aqui dentro. Melhorou muito mesmo.

Interessante observar nessas e noutras entrevistas que a “ocupação policial” não era considerada de forma espontânea como uma variável importante no alcance da “paz” na favela. Em somente um relato a presença policial na favela, não identificada, necessariamente à ocupação policial, é considerada como tal.

Mudou em muita coisa porque isso aqui era uma guerra. Isso aqui era terrível porque a gente não podia se quer sair na rua. Tinha que ficar tudo trancado e melhorou muito mesmo. Embora a gente não saiba nem porque que mudou. Mudou de repente. Não sei se foi o fato de que eles convenceram o pessoal de deixar colocar o DPO aqui dentro então ficou uma coisa mais... o pessoal respeita mais. Entrou paz aqui dentro que é uma coisa que ninguém tinha, ninguém podia sair, ninguém podia entrar... então melhorou muito mesmo, bastante. Agora posso até dormir com minha porta aberta que nada acontece. Meus filhos saem às 5h da manhã para trabalhar... porque tudo isso a gente pensa, né? ‘Vai nascer meu filho e como vou criar aqui dentro...’ Tenho uma de 12 uma e de 16 e um de 19.

Os evangélicos que na favela já vinham crescendo antes da “ocupação policial” ganham fôlego nesse período, como disse anteriormente, ocupando variados espaços na vida social, política e econômica. Quanto à alteração na dinâmica social, ou melhor, em aspectos da sociabilidade dos moradores da favela, dois entrevistados relatam como a presença evangélica teria interferido. Festividades antes efusivamente comemoradas passaram a ter lugar somente na história de Acari. Tunicão e Jorge Luís, traficantes das décadas de 1980 e

início dos anos 1990, financiavam festas juninas e réveillons na favela. Com o crescimento evangélico, afirmam os entrevistados, isso deixou de existir.

Como a Bíblia diz: ‘Feliz é nação cujo Deus é o Senhor’. Então, conforme o crescimento das igrejas evangélicas aqui dentro muita coisa mudou. Muita coisa verdadeiramente mudou. Muita coisa mesmo porque, como o irmão falou, muitos que outrora estavam vivendo uma vida errada hoje estão dentro das igrejas. Vamos dizer um exemplo: se roubava hoje não rouba mais. Se bebia, hoje já não bebe mais. Entendeu? Não tem mais festa junina, não tem isso, não tem mais aquilo. Então, em certo ponto, sim porque conforme há o crescimento do evangélico dentro de uma comunidade há também uma mudança em relação aos costumes. Tá entendendo? Em certo ponto é verdade isso. Então eu acho que mudou bastante em relação ao crescimento evangélico aqui. Por mim, haveria uma igreja a cada esquina”

Tudo foi transformado. Tudo, olha, tudo foi transformado aqui. Deus fez uma transformação direta. Diz que quando Deus faz ele não faz pouco não, ele faz muito. E se ele faz muito isso foi de uma das coisas que ele fez muito. Porque ele transformou festas, festividades, todo o tipo de movimentação aqui. Até a mudança de ano, de um ano para outro foi transformada. Porque aqui, em mudança de um ano para outro isso aqui ficava tomado de nuvens de fumaça, de tanto fogos, acho que aqui tinha mais queimação de fogos do que em Copacabana. Tinha. A minha casa estremece de fogos misturados com arma de fogo. Você não sabia qual era a arma de fogo e qual era o fogos. Até isso mudou... agora, mudança de ano... nem parece que tem mudança de ano aqui. Nem parece. Tinha gente que vinha de fora para ver queimação de fogos aqui. Isso eu te digo porque eu sei. Vinha gente de fora. E não era gente aqui de Pavuna não, era gente que vinha de fora. Assim como vem gente de outros países para ver queimação de fogos em Copacabana, vinha gente de fora que fazia parte do mesmo grupo (do tráfico, o Terceiro Comando). Do grupo americano aí (referindo-se ao TC). Aquele grupo que vocês sabem qual é, aqueles de fora que faziam parte do mesmo grupo vinham pra cá também para a queimação de fogos. Para ficar junto com os colegas...

Ao final de 1997 entrevistei um morador que falava da “paz” que estava vivendo, mas da instabilidade quanto a sua continuação. Já previa, ou tinha informações que o fizeram concluir, o crescimento da presença do tráfico na favela e do retorno dos conflitos sucessórios, fator que fomentava, no mais das vezes, as “guerras” a que tantos moradores entrevistados se referiram.

O ambiente que eu moro, graças a Deus, está numa paz agora. Embora que essa paz seja passageira, né? Mas o que teve para trás, muito tiro, muita guerra, muitos fogos estourando na casa da pessoa, minha casa baixinha assim, com essas telhas fracas, e muito polícia invadindo as casas, graças a Deus, né? Pagava quem devia, pagava quem não devia... o Acari tá... não vou dizer céu porque não existe céu aqui na terra. Mas está uma paz! Não sei se essa paz está acabando que eu creio que está acabando. Em vista do que tava está bom. (A igreja ajudou a mudar alguma coisa?) Ajuda sim, na parte espiritual. Porque está evangelizando. Evangelismo é o que não falta, né? É de madrugada, é toda hora, nos Domingo, feriado, todo mundo evangelizando e tem muita gente mesmo se convertendo. Muita gente. Quer dizer, então muda, né? O espiritual ajuda sim.

Até meados dos anos 2000 as mortes não paravam de ser comentadas no boca-a-boca. Os traficantes com granadas na cintura circulavam livremente na favela. Violentos confrontos armados entre policiais e “bandidos” ganharam força novamente. Traficantes de favelas “inimigas” na cercania tentavam invadir a favela. No plano mais geral, o do tráfico na cidade do Rio de Janeiro, intensos enfrentamentos armados se davam em torno da cisão interna ao Terceiro Comando. Uma nova facção estava em formação, a ADA – Amigos dos Amigos. A disputa em torno dos antigos pontos de venda de drogas do Terceiro Comando se acirraram entre TC (quer viria a se chamar TCP – Terceiro Comando Puro – após os intensos confrontos), ADA e CV (Comando Vermelho).

Retomando o fio da história, com a morte de Jorge Luís em 1996 e a ocupação policial que se realizou, os traficantes que ali atuavam, como apresentei em passagem anterior do texto, foram acolhidos em favelas de mesma facção na cidade. Com a perda gradativa de força política e, por conseguinte, operacional da ocupação policial, os traficantes que se encontravam em favelas distantes, passaram a buscar abrigo em favelas próximas com vistas a obterem, novamente, o controle do tráfico na área.

Um “colegiado” de traficantes se formou para assumirem depois da morte de Jorge Luís. O empreendimento não teve sucesso e prevaleceu o comando de um traficante local que vou chamar de Jeremias²⁹⁵, parente de Cy de Acari que estava, então, preso.

Entre a morte de Jorge Luís e a ocupação demorou mais de um mês. Jorge Luís morreu dia 06 de março, a ocupação começou dia 26 de abril. Os meninos estavam todos lá. Formaram aquele tal de colegiado lá que não deu certo. Acabaram se matando. Aí criaram esse negócio de que... aí foi que o pessoal evangélico começou a controlar...

Jeremias passou a controlar a distribuição de drogas no complexo. Unificou o tráfico de Parque Acari e Vila Rica (ou Coroadó) e designou, à época, quem assumiria o tráfico do Amarelinho e Vila Esperança²⁹⁶. Há diferenças percebidas pelos moradores no presente quanto à forma de atuação de um ou outro comando do tráfico nessa ou naquela área, mas prevalece uma cumplicidade entre ambos não sendo, assim, propriamente rivais na atividade

²⁹⁵ Novamente aqui as informações são pouco claras, moradores dizem que ele assumiu o comando do tráfico local em 1996/97, outras fontes, como as jornalísticas, disseram que assumiu em 2002. Vou adotar os moradores como a minha fonte de confiança em razão de terem fornecido um emaranhado de informações mais rica e condizente com a data por eles sugerida.

²⁹⁶ Há muitas informações desencontradas sobre a narração que farei na seqüência sobre o período de gestão do tráfico por Jeremias, assim como sobre a origem do TC e do TCP, mas, em linhas gerais e segundo a maior parte dos moradores com os quais conversei em campo sobre os temas, esse é o fio da história que se segue.

criminosa que exercem. Os dois setores do tráfico têm o comando de chefes locais diferentes, mas Acari/Coroado e Amarelinho/Vila Esperança são “parceiros”, dividem, inclusive, a propina mensal paga aos policiais militares, como informou um dos traficantes entrevistados:

Outro dia eu estava conversando com um pessoal aí que disse que o tráfico em Acari é tranquilo porque dá muito dinheiro pra polícia...

Pô, Christina, muito dinheiro, muito dinheiro. Tipo assim, tipo num mês é quatro semanas. Uma semana é só dos polícia. Não importa quando vai cair, tem que ir pra eles.

Uma semana de venda? Quanto é que é isso?

Uma semana de venda. Uma semana de venda, tipo assim, lá no Amarelinho o tráfico é pra gente. O que vender o patrão vai, faz o pagamento, tira o dinheiro dele, aí, tipo assim, a outra semana é a outra semana: ‘Lei seca, heim, mano. Sai nada pra ninguém. Tem que fazer a meta dos canas’. Tipo pagar extra, né? Tinha que pagar o arrego pros canas não voarem a favela durante o mês. Tipo assim, toda semana tem que sair o dinheiro deles. Uns noventa mil. É, Christina, Acari paga quarenta e o Amarelinho paga mais quarenta mil. É, oitenta mil, noventa mil. Aí eles dividem no batalhão deles lá, dá o jeito deles, e a favela fica tranqüila. É, Christina, muito dinheiro. Infelizmente, no tráfico de drogas rola muito dinheiro. É coisa de louco.

Jeremias ficou à frente do tráfico na localidade até 2001/2002. Era reconhecido como uma importante liderança do Terceiro Comando no Estado do Rio de Janeiro ao lado do também procurado pela polícia Linho. Há controvérsias quanto à origem do TC: 1) teria origem na Falange do Jacaré (oposta à Falange Vermelha que teria ser formado num presídio da Ilha Grande – Rio de Janeiro); 2) foi formado por iniciativa de Cy de Acari (à época preso), Robertinho Lucas e Miltinho do Dendê em início dos anos 1990 – uma forma de defender seus lucros diante da complexificação do crime ligado à venda de drogas no período.

O fato é que a bandagem do TC ascendeu em uma época de crise do Comando Vermelho, que passou a ser comandada por traficantes muito jovens, como Márcio dos Santos Nepomuceno, o Marcinho VP, cuja principal característica era a violência e o consumo de drogas. VP, inclusive, criou uma ala jovem da facção que passou a se rebelar contra os antigos chefes. Na contramão disso, o TC tinha membros com visão empresarial do tráfico e interessados somente no lucro²⁹⁷.

A ADA – Amigos dos Amigos – foi idealizada por Uê que contou com o apoio de Escadinha e Celsinho da Vila Vintém, à época, todos presos (hoje somente Celsinho encontra-se vivo e ainda em cárcere privado). Segundo a polícia e a imprensa da época, Uê tinha características de ação muito parecidas com os líderes do Terceiro Comando:

Assim como os integrantes do TC, Uê também tinha uma visão empresarial do tráfico e, na época que foi preso, em 1996, já havia montado uma estrutura de

²⁹⁷Matéria: “Tc X ADA: origens, união e guerra sem fim”. Postada em 09 de abril de 2009 Disponível em:

<<http://temosisso.blogspot.com/2009/04/terceiro-comando-x-ada-origens-uniao-e.html>> Acesso em: 15 maio 2009.

distribuição de drogas com contatos nas fontes produtoras do Paraguai, Bolívia e Colômbia. O golpe de mestre foi dado no início deste século quando TC e ADA resolveram unir forças. Cada facção tinha seus próprios redutos mas não se atacavam e ainda se uniam para invadir áreas dominadas pelo CV²⁹⁸.

Em 11 de setembro de 2002 nova mudança no cenário do crime: TC e ADA se tornam facções rivais. Em 2002, Linho, antiga liderança do TC e traficante de Acari, em conluio com Celsinho da Vila Vintém, jogam Beira Mar contra Uê que em situações pouco esclarecidas até hoje foi assassinado na prisão Bangu I.

Em 2002, porém, as relações azedaram após Fernandinho Beira-Mar ter comandado uma matança dentro de Bangu 1 em que morreram Uê e outros dois comparsas. Suspeita-se que, na época, o líder do TC, Paulo César Silva dos Santos, o Linho, que administrava as bocas de Uê, teria armado um plano para matá-lo juntamente com Celsinho da Vila Vintém e este último falado para Beira-Mar que o próprio Uê queria matá-lo. Acreditando na história, Beira-Mar, se antecipou²⁹⁹.

Em Acari, o conflito ocorrido na prisão tem repercussões. Jeremias opõe-se a Linho e uni-se a Robinho Pinga. Linho era suspeito de ter planejado o assassinato do irmão de Jeremias e por isso foi expulso de Acari, assim como sua mãe e demais familiares. Jeremias, então, torna-se a segunda mais poderosa liderança do TCP no Estado. Um novo traficante, sob recomendação do comando do TCP, assume o comércio de drogas na favela. Jeremias sai de Acari. Foi acolhido, junto com sua mulher e filhos, numa favela da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Antes de sair do comando do tráfico local, Jeremias vinha freqüentando cultos de uma igreja evangélica local. Na favela na qual estava escondido da polícia passou a freqüentar outras igrejas tendo se convertido na Assembléia de Deus dos Últimos Dias, segundo informação de moradores de Acari. O traficante que assumiu o comércio de drogas na favela de Acari iniciou uma série de mortes. Segundo relatos, dizia estar a mando de Jeremias. Outros moradores dizem que não era bem isso, mas a série de mortes estava, de alguma forma, associada a Jeremias por ter sido ele um dos responsáveis pela indicação do traficante à época. Retornou a Acari, como disseram os moradores, para “colocar ordem na casa”, destituindo o traficante de então do comando local encerrando, assim, um ciclo de mortandade indesejado por moradores e pelo comando do TCP. Deixou a fé e o compromisso

²⁹⁸ Matéria veiculada em 01 de fevereiro de 2004<

<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=168938&edicao=10833&anterior=1>> Matéria veiculada em 01 de fevereiro de 2004. Acesso em: 22 jun. 09

²⁹⁹ Matéria veiculada em 01 de fevereiro de 2004. Disponível em:

<<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=168938&edicao=10833&anterior=1>>. Acesso em: 22 jun. 2009

com Deus e com a igreja temporariamente para resolver, como disse uma moradora entrevistada, uma “pendência”. Alguns passos da conversão de Jeremias são narrados por um entrevistado:

Foi uma mudança muito grande. Penso eu, assim, que alguém orientou porque quando esse rapaz, o Jeremias, voltou para a favela, eu tive oportunidades de estar com eles algumas vezes... que ele mandava, mandavam... me chamavam ali na igreja quando ele queira falar comigo, porque nós fomos nascidos e criados juntos e eu sempre pregava pra ele. Tinha uma liberdade enorme porque como eu já o conhecia eu tinha uma intimidade pra falar, eu não tinha medo de falar. Uma certa vez ele tinha enquadrado os policiais lá dentro, na rádio e eles tomaram as armas dos policiais, tomaram... sabe, assim? Barbarizaram os policiais, barbarizaram no sentido de... é vexatório tomar arma, tomar munição, desmoralizou o poder público, digamos. E ele me contando essas coisas e eu fiquei muito chateado e falei como ele: ‘Olha, rapaz, até quando você vai contar vitória? Até quando você vai se dar bem?’. Sabe, eu virei pra ele e falei pra ele, né? Ele tava com um fuzil na mão, eu falei assim: ‘Ô, você quer falar comigo você tira isso da mão e dá pra outra pessoa. Fica desarmado’. Aí ele fez e eu falei: ‘Quando é que você vai trocar essa arma por uma dessa?’. Aí mostrei a Bíblia pra ele e ele virou pra mim e falou assim: ‘Ô, eu tenho subido os montes’. Eu falei: ‘Então vamos fazer um trato? Você caminha, eu vou orar e Deus vai fazer a parte dele que é te salvar’. Daí pra lá eu comecei a orar por ele.

Em seguida, o mesmo morador entrevistado, revela o perigo que o dinheiro do traficante representa, em termos de contágio, para os evangélicos. Em momento anterior do texto da tese apresentei as dificuldades da Missionária Conceição na evangelização que promove com os traficantes na localidade. Na controvérsia que se estabeleceu entre moradores evangélicos em torno de sua atividade, o principal ponto negativo destacado em relação a ela e a outros evangélicos se relacionava com o aceite de ajudas financeiras de traficantes. A proximidade ou aliança afetiva não contamina, pois a Palavra de Deus, como dizem, é para ser levada a todos, indiscriminadamente, mas o aceite de qualquer soma de dinheiro do tráfico pelos evangélicos pode implicar sim, em contaminação moral dos últimos, risco que o morador não queria correr³⁰⁰.

Toda vez ele me chamava e eu falei muito sério com ele: ‘Olha, a outra vez que você me chamar eu não quero vir no meio de onde você está porque...’. Eu falei, na frente de todo mundo, ‘porque as pessoas acham que eu venho aqui te pedir dinheiro. Eu

³⁰⁰ Uma moradora do Santa Marta em entrevista disse achar pouco conveniente a convivência de traficantes e evangélicos. Se forem parentes a ameaça à imagem do evangélico se afasta, mas, segundo a moradora, a manutenção de uma amizade entre traficantes e evangélicos pode ser lida pelos demais como “mau testemunho” do segundo: “Eu não conheço nenhum. Acho que só se for da família, assim. Com amizade de levar para casa não. Nenhum que eu conheço aqui no morro faz isso. Compromete. É o testemunho, né? Como você vai falar de uma coisa que você não vive? Tem pessoas, evangélicos, que não dão bom testemunho, mas o morador conhece e diz: ‘Esse aí brinca de ser crente’. Mas não julga a igreja por isso. Julga a própria pessoa. Acho que é porque aqui é morro pequeno, todo mundo conhece todo mundo, sabe o caráter, o que a pessoa fala, o que a pessoa faz, vê a pessoa na igreja de um jeito, vê a pessoa lá fora de outro. Então, o morador já conhece. Não julga a igreja”.

não quero teu dinheiro. Então, quando você me chamar você vem até mim'. Ai dizem: 'Ele é abusado'. Mas eu não estava errado. Na minha visão eu não estava errado porque as pessoas eu chegava pensava assim: 'Lá vem o crente pedir dinheiro!'. Mas eu nunca dependi dele pra nada. Sabe? Então, ele baixou a cabeça e disse: 'Você ta certo'. Porque tinha outros que faziam, iam pegar o dinheiro pra isso, praquilo outro e eu não quero me igualar. Daqui a pouco vou passar na rua e os outros vão falar, ah, to trabalhando no CEASA pra depois os outros falarem que eu to pedindo dinheiro para um e para outro.

A conversão do bandido e amigo do evangélico entrevistado foi por ele comemorada. Ficou emocionado com as palavras do primeiro que diziam: “Agora eu sou super homem também”. E o que poderia significar ser “super homem”? Veremos mais à frente no texto.

Aí ele quando se converteu eu creio que a primeira pessoa que ele foi falar foi comigo. Quando acabou o culto lá na igreja onde eu estava ele chegou e falou comigo assim: 'Olha, agora eu sou super homem também!'. Abriu a jaqueta aí mostrou que estava usando manga comprida e aquilo foi uma alegria muito, muito grande. Eu chorei muito aquele dia. Eu fiquei muito alegre, assim, e gratificado em saber que a primeira pessoa – ele fez a reunião dele, ele passou o comando pra outro – a saber fui eu fiquei, assim, alegre por demais com Deus.

Anos depois de estar convertido e de ter saído do comando direto do tráfico em Acari, Jeremias foi preso. Mais precisamente no ano de 2004. Sua prisão foi anunciada como a do mais procurado líder do tráfico de drogas de então. Foi liberto pouco tempo depois e não voltou mais a residir em Acari.

O ponto importante da conversão desse traficante é que ele foi, segundo observei e segundo relatos dos moradores (traficantes ou não), responsável por influenciar de modo decisivo as práticas criminosas e a expressão religiosa de uma geração que o sucedeu no tráfico local, sobretudo no Parque Acari e Coroadó. Antes dele e da ocupação policial, ainda no período de Jorge Luís, já era possível observar algumas pinturas do salmo 91 em alguns muros da favela. Esse traficante também teria solicitado cultos evangélicos que vinham sendo realizados ao ar livre na favela. Alvito (2001, p. 47) registrou a expressão da religiosidade ou fé de um ex-traficante gravada num muro no Amarelinho.

Celebrai com júbilo ao Senhor, todas as terras.
 Servi ao Senhor com alegria; e entrai diante dele
 Com canto.
 Sabei que o Senhor é Deus; Foi ele que nos fez e não
 Nós; somos povo seu e ovelhas do seu pasto.
 Entrai pelas portas Dele com louvor e em seus
 Átrios com hino; louvai-o e bendizei o seu nome
 Porque o Senhor é bom e eterna a sua misericórdia
 E a sua verdade dura de geração a geração.

Contudo, é com Jeremias que a presença evangélica na favela e entre os traficantes ganha força. Nas palavras de três entrevistados sobre o caso:

Quando veio a fase do Jeremias, quando Jorge Luís morreu Jeremias assumiu já. Quando Tunicão morreu aí assumiu o Jorge Luís. Aí, com a morte do Jorge Luís, Jeremias assumiu. E aí ele começou a se voltar mais para o lado evangélico. Textos bíblicos. Até pouco tempo tinha uma casinha de São Jorge lá no Amarelinho e tiraram também não tem muito tempo... agora foi o tráfico. E começaram a espalhar na comunidade dizeres bíblicos na quadra da Piracambu onde tinha um São Jorge eles colocaram escrito “Jesus é o Senhor deste lugar”, se não me engano, ele mandou também colocar dois outdoors nas principais entradas da favela e hoje em dia por onde você passa tem uma parede grande você vai ver dizeres bíblicos não somente aqui, em todo o complexo de Acari: Acari, Vila Rica, Vila Esperança... Então, assim, você sempre vai ver dizeres bíblicos, com mensagens bíblicas.

Não, isso aí foi muito depois da ocupação. Tiraram o São Jorge lá de cima da associação. Aí já foi na época do Jeremias. Foi ele que mandou tirar. Agora, a imagem do São Jorge era muito ligada ao Cy. Foi um lance do Jeremias. Quando o pessoal começou a se aproximar das igrejas evangélicas. Muito por influência de uma liderança comunitária, também, que era evangélico e que apareceu lá. Foi um processo longo até chegar ao que está hoje.

Foi no retorno do Jeremias aqui pra comunidade. Foi em 1999. Foi quando ele retornou e já não queria mais essa vida (no crime). Tanto que ele ficou pouco tempo e largou tudo. Ele teve que sair. Foi para outro lugar. Ele já estava sendo evangelizado. Sendo que ele teve que voltar porque tava acontecendo aquele negócio do fulano que estava fazendo coisa errada com as pessoas aqui e estava recaindo tudo sobre ele. Que ele que mandava matar e ele não tinha mandado nada. Aí foi quando ele veio e foi mostrar que o negócio dele não era matar ninguém. Aí ta aí até hoje esse negócio de que não pode matar ninguém.



Associação de Moradores do Parque Acari. O altar onde ficava São Jorge hoje vazio. Em destaque, o outdoor financiado pelo tráfico de drogas local. 2006.

Depois do fim definitivo da ocupação policial, período a partir do qual Jeremias passa a conduzir os negócios do tráfico na localidade, estabeleceu-se em Acari um período de “tranqüilidade”. Para os evangélicos teria sido o crescimento da religião a qual se filiam a principal responsável, direta ou indiretamente, pela “paz” na favela, como vimos.

Olha, eu sei que mudou um pouco. Mudou muito. Principalmente a violência mudou um pouco, né? Porque as pessoas estão se convertendo bastante. A maioria da parte da violência estão se convertendo. O evangelho entrou aqui e graças a Deus tem muita gente se convertendo. Exatamente. Que depois que o evangelho começou a entrar aqui, os homens da violência estão se convertendo. muito homem da violência já se converteram. Muitos. Homem, mulher... muitos já se converteram.

Acari? Acari mudou muito. Eu pelo menos eu ainda acho que é um dos melhores lugares para se morar. Mudou era a gente era morava aqui como favela esquecida. Eu pelo menos tinha vergonha de dar meu endereço. Dava de outras pessoas menos o meu. Fiquei bastante tempo sem dar endereço, o meu endereço certo correspondência, qualquer coisa.. amigas nem pensar porque favela de Acari era o terror. Agora não, graças a Deus. Agora dou meu endereço tranqüila, minhas amigas

tão cansadas de vir aqui na minha casa, não tenho mais vergonha de onde eu moro. Asfalto, metrô, condução... melhorou muito. Está calmo, muito calmo.

Os evangélicos associam, inclusive, a melhora na infra-estrutura, o desenvolvimento social e econômico local, à grande presença que têm na favela de Acari. Os depoimentos de duas moradoras revelam esse sentimento/percepção:

Fez, e como fez! Está fazendo. Muita gente se converteu, esse lugar mudou muito. Quando eu vim morar aqui era como se fosse uma roça. As casas era barraco de tábuas, né? Não tinha iluminação, tinha assim, uma luz elétrica, mas era 10h da noite desligava, a rua ficava escura, e era um relógio para quatro, cinco casa. Então agora cresceu muito, tá muito mudado. Não tinha muita igreja evangélica, agora tem igreja evangélica de tudo quanto é jeito: é Casa da Benção, Assembléia de Deus, é Batista, Presbiteriana, né? Então aqui ficou uma cidade. Não era assim não. Há vinte anos atrás não era assim não. Acho que foi mais com oração também que ajudou... mudou na de todo mundo, porque melhorou a vida de todo mundo. Tudo diferente. Quando essa (a filha dela que estava na sala conosco) era pequeninha e o outro que não está aqui também aqui era igualmente a uma roça. Um relógio só, uma casa, pra três quatro casas. Tinha água, toda vida teve água, mas era uma coisa muito...entendeu? Muito sem graça, era ruim. Mas agora, graças a Deus, está tudo bem, de uns anos pra cá... tá uma cidade menina. Quem viu e quem vê agora

Mudou tudo porque quando eu vim morar aqui.. olha, vim morar aqui isso aqui era um matagal. Olha, se eu quisesse beber uma água da bica tinha que ir para o outro lado da CEASA numa bica que tinha lá. Se usava água de poço, isso aqui tudo era mato, mato, mato fechado. Quando eu vim morar aqui, quando invadiram isso aqui. Assim que eu cheguei da Paraíba. Entendeu? Isso aqui era tanto mato aqui dentro que ninguém conseguia dormir. Isso acabou tudo. Hoje tudo evangélico, né? Tudo evangélico. É por isso que eu digo: a palavra do Evangelho quando vem pra dentro de um lugar, grande obra faz. A obra cresceu. Tinha noite aqui que eu não dormia. Nos fundos da minha casa tinha um terreiro que batia macumba a noite inteira. Aqueles berros...só o Senhor Jesus... e tudo isso acabou. São tudo evangélico hoje. Então a mudança foi grande.

No processo de conversão à religião evangélica (um dos fatores apresentados pelos moradores para explicar a “tranqüilidade” vivida na favela), a mediação feminina assume lugar de destaque (NOVAES, 2001; BIRMAN, 2001, MACHADO, 2000; MACHADO ; MARIZ, 1996). As mulheres são a maioria nas igrejas evangélicas (FERNANDES, 1998; MAFRA, 1998, entre outros) e são, com freqüência, o primeiro elo do familiar masculino com a fé evangélica (caso das mães, tias, esposas ou companheiras). Combinam, assim, no mais das vezes, dois papéis que associam afeto e força moral: mãe/esposa (NOVAES, 2001; LEITE, 2006, entre outros) com a identidade evangélica que oferece uma espécie de blindagem moral para os que a ela estão associados (NOVAES, 1985; BIRMAN ; LEITE, 2002; BIRMAN, no prelo). Nessa dinâmica de fé, os evangélicos têm papel importante entre

os familiares não evangélicos. São como vínculos entre o divino e os não fiéis. Conforme sustenta Birman:

Contudo, a feitiçaria *pegará* mais facilmente os que forem menos fortes, do ponto de vista dos vínculos com Jesus. Esses familiares são percebidos, portanto, como uma extensão deles, e os entes que foram *amarrados* continuam sendo vistos como associados a eles. Se Jesus e o Espírito Santo não protegem aqueles que não freqüentam a igreja, é preciso então que certas pessoas possam intervir a favor desses ainda não convertidos mas necessitados de proteção. Não é difícil imaginar que cabe às mulheres e mães esse espaço de mediação e de auxílio religioso. Assim, vemos sobretudo as mulheres e as mulheres mães se envolverem numa intensa atividade religiosa de mediação, principalmente ritual, para evitar ataques diabólicos sobre os seus próximos (BIRMAN, 1996, p.105, grifos da autora).

Essas mulheres mediadoras, portanto, distinguem-se tanto do pastor quanto do pai ou mãe de santo, por não estabelecerem uma relação de força com os diabos dos cultos de possessão por não terem qualquer compromisso com os mesmos seres malignos. Geralmente motivadas pela condição feminina que lhes atribui um *ethos* particular, alimentam-se de instrumentos rituais na igreja e atuam a partir de suas famílias. A participação de tais mulheres na igreja pentecostal não foi vista por nenhum adepto dos terreiros, seus parentes, como pernicioso. O confronto religioso não parece chegar dentro de casa e essa mediação religiosa pode assim se expandir (op. Cit., 1996, p. 107).

O relato de um jovem traficante expressa o importante papel que as figuras femininas da mãe e da avó desempenham no estabelecimento do contato entre ele e o divino. Elas são vistas não só como mediadoras, mas como portadoras de uma capacidade especial de proteger que articula o papel social (mãe/avó como cuidadoras da prole) com uma capacidade transcendental de abençoar/proteger, uma reforçando a outra. Em suas palavras:

Vou na igreja que a minha mãe vai. Assembléia também, como, minha avó às vezes faz um culto lá em casa. A mãe da minha mãe, faz um culto lá em casa. Umás sete semanas, assim, de libertação. Antes de eu ir morar lá em casa, minha mãe também fez uns cultos, pra Deus, como? O anjo do Senhor tá guardando, não ter nenhum problema... nunca foi nenhum polícia ali não. Ali é tranquilão. Fico tranquilão. Não tenho nenhum problema. Um culto é um culto. Ir lá. Tipo assim, é melhor tu fazer uma coisa boa do que tu fazer uma coisa ruim que vai te prejudicar depois. O mal chama o mal. Se fizer coisa ruim vai bater o mal na tua casa lá, doida lá, vai fazer daqui a pouco no guarda roupa tu não tem uma roupa nova pra usar. Não tem uma roupa nova pra usar. Olha no armário não tem um feijão e arroz. Tu tá desesperado tu dá um jeito, faz um mal, aí tu consegue alguma coisa. Aí, depois sempre vai estar passando um problema. Sei lá, tu fazendo a coisa boa sempre vai ter um que vai te ajudar: 'Aquele maluco ali é tranquilão... tipo fazendo o mal pros outros. Hoje tem muita gente assim como tu hoje tá falando de religião. Hoje em dia muita gente crê em Deus. Mas tem muita gente, Christina, que ta dentro de casa escondidinho e faz uma macumbinha. Tipo assim, às vezes pra prender homem dos outros, ta entendendo, Christina. Pra fazer o mal pros outros. Que nem a minha vizinha lá. Essa mulher é macumbeira. Na casa dela tem um negocinho de tábua, tipo umas imagens, umas imagem, assim... mas eu vou, como? Levantar o muro da minha casa. Não quero nem saber da casa dela. Às vezes eu coloco louvor altão, altão dentro de casa. Tipo assim, cada um tem sua casa. Agora a casa é minha. Faço o que eu quiser. Ela vem boladona, chapa de cerveja, fica falando vários nomes ruins, o maluco vem assim... a gente não dá nem confiança. Aí, noutro dia ela veio doidona... tipo assim,

a gente faz de bobo aí ela vem doidona. Ai no dia seguinte ela fica boa. Aí ela fala: 'Ontem eu tava bêbada, falei várias coisas, não sei o quê'. A gente: 'É, nós nem vimos'. Tipo assim, a gente trata ela como ela trata a gente. Leva a gente do mesmo gente. A gente não dá muita confiança, eles não dão muita confiança.

Conceição, a missionária de uma das igrejas Assembléia de Deus em Acari relatou em conversas e em entrevista, o papel importante que a mulher do traficante desempenha em sua conversão. Em muitos casos, disse a missionária Conceição, elas vão sozinhas e depois levam os maridos. Primeiro os mobilizam para participar das campanhas e depois pedem suas presenças nos cultos e demais atividades que freqüentam na expectativa de que se dê a conversão do companheiro.

Além do culto da quinta-feira que eles (os traficantes e sua mulheres) vêm, tem também a evangelização na rua...

Tem. Tem também o trabalho lá em Irajá que eles vão. Vai muita mulher de traficante e elas vão, caem, Deus liberta, nós oramos por elas. Nos também fazemos cruzadas pelas comunidades. Todas as sextas-feiras nós saímos para evangelizar. Rodamos comunidades de favelas, rodamos o Amarelinho, a Parmalat, atrás da divisa, ali no Chapadão, a gente bate e entra nessa área com traficante e mulher de traficante. Tinham muitos que Deus tirou do tráfico. Tem um que Deus tirou do tráfico, libertou, agora ele é um novo homem, tá caminhando, só que ele não mora mais na comunidade. Ele continua sendo meu filho na fé, eu tô cuidando dele para Jesus. Eu tô acompanhando ele, a família dele. Eu to na obra de missões. Porque isso é obra de missões.

A “mulher de bandido” ao mesmo tempo em que pode ser mediadora com o sagrado, pode também assumir o papel de induzir o homem a fazer o que é mau, errado. Pode ludibriar, mas, neste caso, o poder da missionária (mãe/mulher/missionária evangélica) traduzido em “sabedoria”³⁰¹ é acionado para contornar situações que poderiam resultar na morte de evangélicos em missão, pois com traficantes andam “castas de demônios” que podem atuar sobre o traficante fazendo com que esse se volte contra o indivíduo evangélico. Para livrar-se do engano, das situações embaraçosas é preciso agir com sabedoria sempre orando e vigiando, como alerta a própria missionária.

Quer dizer, muitas garotas caem endemoniadas, pomba-gira roda, então eu aprendi com Deus que na obra de missão varoa ora varoa. Varão ora varão. Nada de botar... porque muitas vezes aí a pessoa ora mulher de bandido aí e a mulher vai e tá coisada com o diabo e fala: 'Ah, marido, fulano me botou a mão'. E o diabo vê as mãos lá. Eu tenho muita sabedoria do alto. Eu tenho muita sabedoria. Onde Deus bota meus pés é abençoado. Muitas falam: 'Eu quero ver a irmã Conceição'. E todos eles me respeitam. Em todas as favelas os garotos me respeitam. Me têm como mãe. 'Mãe'. E me respeitam. 'Ora por mim, ora por mim'. E tiram a arma para eu orar. Eu falei, um não quis ouvir a obra de Deus e se perdeu. Então, é isso”.

³⁰¹ Palavra que os evangélicos acionam constantemente para falar de como a mulher deve agir, com sabedoria! Isso equivale a não confrontar o marido e os demais familiares, saber escutar, intermediar situações conflituosas, etc como apresentei no capítulo referente às redes evangélicas.

Para os evangélicos entrevistados, a presença das igrejas tem o efeito transcendente de transformar o lugar de impuro em abençoado³⁰², de impregnar de sacralidade o profano. De alterar a correlação de forças entre Bem e Mal e, assim, ainda que o Mal perdure (no caso do entrevistado abaixo, o Mal seria o tráfico de drogas), este vai ser contagiado pelo Bem (no caso, a presença evangélica) o que diminuiria o potencial ofensivo do Mal. Em muitas conversas e relatos, transbordam o entusiasmo e a expectativa quanto ao crescimento dos evangélicos não só na favela de Acari, mas em outras favelas.

Olha, isso aí eu acho que deveria ter em tudo quanto é favela, tudo quanto é local porque a favela cercada de igrejas é uma proteção danada. Vai até abrir uma em frente à minha casa agora e depois que começaram a construir, porque aqui em frente era um botiquim e eles botavam um som, minha filha, que não tinha como você ficar dentro de casa... não tinha nem como ficar dentro de casa. As panelas até caíam do fogão, tinha que ficar segurando as coisas. As caixas de som deles... era um auê danado. Você sabe que depois da proposta da igreja a moça saiu daí? Não que... não sei o que acontece. A igreja mesmo é um... é muito bom para as favelas, pras comunidades carentes, mas é muito... acho que todo lugar deveria de ser cercado por igreja. Tirar esse negócio de baile, essas coisas... tudo bem que tem jovens, a maioria tem que viver, mas eu pelo menos acho que tinha que ter... acho que muda para a comunidade em si. Traz uma paz muito grande”.

“Ah, mudou muito porque a igreja ela dentro de uma localidade ela representa a paz. Representa a paz. Uma comparação, o local que não tem uma igreja, um povo fazendo uma oração é um local agitado, um local, sabe? Mas aonde tem um evangélico, tem Jesus Cristo... então ali, ainda que aconteça as coisas, mas tem a paz. Deus dá livramento. Como diz a palavra de Deus quando Abraão orava ao Senhor pelo povo da cidade de Sodoma e Gomora então Abraão disse: “o Senhor vendo assim tantas pessoas naquela cidade o senhor destrói aquela cidade?” O Senhor disse: “Não, eu conservo aquela cidade por amor aquelas tantas pessoas” então a gente crê que aonde tem Jesus Cristo tem paz porque o Senhor conserva o local.

Em vários relatos era possível observar a conexão que os moradores estabeleciam entre evangélicos e “paz” e “tranqüilidade”. O avanço evangélico na direção dos traficantes seria, para esses moradores, como vimos acima, explicativo da experimentação desses sentimentos de “paz” e “tranqüilidade” ou de segurança no dia-a-dia. A pacificação da favela pelo poder da presença dos evangélicos é presente, sobretudo, nos discursos dos evangélicos entrevistados e de outros que posso considerar como “simpatizantes”, isto é, moradores que freqüentam de forma assistemática os cultos e demais atividades das igrejas locais. Através deste discurso, os evangélicos afirmam seu poder e o poder de Deus sobre o Mal (que se manifestava no espaço e nas pessoas, com destaque aí para os traficantes) na favela. Os traficantes, pela intensa evangelização, pelas missões de evangélicos em sua direção e, muitas vezes, pela identificação com a religião familiar se aproximavam das redes evangélicas para

³⁰² O que significa, no caso, desenvolvimento em vários níveis: econômico, social, estrutural, de redução da violência e de estigmas sociais.

buscar proteção, para oferecer apoios e assim se sentirem colaboradores da obra de Deus! Para além dessa aproximação pontual, observei que, embora não houvesse traficantes que tenham, ao mesmo tempo, assumido a identidade no crime e na igreja, vários integram a rede evangélica de modo mais sistemático, participam semanalmente de cultos e demais atividades da igreja, recebem em suas casas “irmãos na fé”. No capítulo seguinte trarei ainda mais da aproximação entre criminosos e evangélicos em campo.